

À ESCUTA E O SUJEITO DIAPASÃO EM JEAN-LUC NANCY

Deborah Spiga¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

 <https://orcid.org/0000-0001-5636-9040>

E-mail: deborahspiga@hotmail.it

RESUMO:

Intenção desse artigo é mostrar como nosso relacionar-se como corpos “entre” leva Jean-Luc Nancy à definição das singularidades como “sujeitos diapasão”. Trata-se de uma análise da escuta em contraposição à visão do pensamento videocêntrico. Som que ressoando abala a distinção entre o fora/dentro clássico da metafísica e abre a uma polifonia ética das vozes que se interpelam. Faremos interagir aqui Nancy com o pensamento sobre a voz da pensadora e feminista italiana Adriana Cavarero.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta; Voz; Som; Jean-Luc Nancy; Adriana Cavarero.

LISTENING AND THE TUNING FORK SUBJECT IN JEAN-LUC NANCY

ABSTRACT:

The intention of this article is to show how our relating as bodies “between” leads Jean-Luc Nancy to the definition of singularities as “tuning-subjects.” It is an analysis of listening in contrast to the vision of video-centered thought. Sound, as it resonates, shakes the distinction between the classical outside/inside of metaphysics and opens up an ethical polyphony of voices that call out to one another. Here, we will make Nancy interact with the thought on voice of the Italian feminist and thinker Adriana Cavarero.

KEYWORDS: Listening; Voice; Sound; Jean-Luc Nancy; Adriana Cavarero.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo – SP, Brasil.

Introdução

“Ser à escuta” designou sempre algo de confessional ou íntimo a ser espiado. Escutar como evento participativo e atento dos fiéis à missa, mas escutar também como o entre ouvir escondido e desconfiado atrás das portas. Não é por acaso que, segundo Nancy, a ascusmática – ensinamento em que o mestre fica longe do discípulo, que somente escuta –, assim como a confissão auricular, ritual típico de algumas crenças religiosas, contrariamente ao pensamento da evidência próprio da visão, foram sempre veladas por certo esoterismo e mistério. Lugar de uma intimidade secreta e conspiratória.

Com esse artigo procuramos analisar por que o entender (acústico) foi sempre subordinado ao entender (intelectivo) na tradição do pensamento filosófico. Quer dizer, por que a corporeidade da sensibilidade acústica (tom, timbre, barulho, ressonância, acento) foi silenciada a favor do entender como compreender lógico? Mas também, por que na música foi sempre privilegiada a composição (significado) em detrimento da sonoridade viva? Quais consequências isso acarreta na tradição do pensamento videocêntrico ocidental? E, por fim, de que forma o enfraquecimento do olho hegemônico da filosofia leva, Jean-Luc Nancy, à desconstrução da imanência autárquica do *ipse* filosófico para um sujeito vibrante sempre alter-ado?

A pesquisa de Nancy concretiza-se em um livro publicado em 2002, *À l'écoute*. Livro que, como sublinha Lisciani Petrini na introdução ao texto em italiano, não reenvia a um novo pensamento estético sobre a música, mas a uma ética do nosso “ser em comum”. Por essa expressão não se entende nenhuma prática filantrópica ou humanista, tipificada pelo mote que ordena a todos de “prestar ouvidos” ao próximo, mas, sim, um *ethos* que aponta para as condições ontológicas em que o sentido se torna ressonância e em que cada singularidade é sempre endereçada e tensionada “em direção a”. É neste sentido, que buscaremos compreender a desconstrução da visão como órgão sensorial solitário de apreensão da realidade em prol da relacionalidade da escuta. Veremos que se a visão distancia, separa e isola, com sua capacidade analítico-abstrata a escuta, ao contrário, através do som, ressoa e produz o ser escutado colocando o corpo de quem escuta dentro e fora de si.

Por fim, dialogaremos com a filósofa italiana Adriana Cavarero e seu texto *A piú voci. Filosofia dell'espressione vocale*. Mostraremos não apenas como a filosofia ocidental operou um silenciamento violento da relacionalidade acústica da voz, mas também como o próprio Nancy, segundo ela, não conseguiu se desmarcar totalmente da “patologia acústica” do pensamento videocêntrico. A voz, como mero veículo corpóreo da comunicação, assim como a unicidade da identidade de quem fala, foram apagadas a favor da universalidade e inteligibilidade do *logos*.

O sujeito como caixa de ressonância

A intenção manifesta do autor é revirar, através do método desconstrutivo, o pensamento ocidental que operou, por meio de uma “anestesia ou apatia filosófica” (Nancy, 2004, p. 48), o sistemático apagamento da sensibilidade acústica e de uma “lógica da evocação” do vocálico a favor de uma “lógica da manifestação” do semântico. É no livro *À escuta* que, de fato, através de uma procura sobre o material fonético e tudo que é ligado ao problema da escuta como “esquecido” e “heterogêneo” à filosofia, Nancy tenta responder às “interrogações ontológicas” sem recorrer mais aos velhos aparatos conceituais tradicionais da metafísica. Quer dizer, o filósofo agora não poderá mais fechar-se nas suas torres, mas terá que “aguçar o ouvido”, tencionar-se em direção àquilo que surge a partir “do acento, do tom, do timbre, da ressonância e do barulho” (Nancy, 2004, p. 7, tradução nossa).

É a partir daqui que podemos ver em nosso autor, o desenvolvimento de um particular interesse e estudo pela escuta que não reenvia mais a um âmbito simplesmente compositivo-musical, mas que, ao contrário, diz respeito ao nosso relacionar-se como corpos *entre* outros. “Corpos sonoros” que ressoam para ser escutados fora de si, colocando em xeque a separação *entre* dentro/fora, *entre* emitente/destinatário da subjetividade fechada em si, abrindo para sentidos que privilegiam a proximidade e a relação da *methéxis* à distância da visão e da *mimesis*.

O *fil rouge* de todo o pensamento filosófico ocidental é, segundo Nancy, a redução ou a neutralização do verbo “entender” no seu sentido material de “ouvir”, “escuta corpórea e sensível”, a favor do seu sentido lógico-intelectual. As premissas do seu trabalho desconstrucionista são, como sempre, etimológicas. Assim ele mostra, como o verbo latino “escutar” é composto pela palavra “auris”, que reenvia diretamente ao nosso órgão auditivo, e pelo sintagma “tar”, que indica uma tensão, in-tensão e at-tenção. O significado do verbo latino “auscultare” seria, portanto, um “ouvir atento” e tencionado, uma peculiar mobilidade do ouvido que o diferenciaria dos outros órgãos receptores. Ora, embora Nancy reconheça que haja sempre uma diferença entre os órgãos em sua natureza simples, como, por exemplo, o “ver” e o “sentir”, e em sua natureza tencionada e atenta, como “olhar” e “farejar”; na dupla que diz respeito à audição há uma primazia do “sentido lógico” do verbo escutar como entender, compreender, através de esquemas conceituais já previamente constituídos e codificados, sobre seu “sentido sensato” como material estesiológico.

Essa divisão maniqueísta entre um “bom entender” e um “mau entender”, na verdade, é nada mais que a repercussão da bipartição clássica do pensamento ocidental entre o mundo fixo das ideias platônicas e o mundo das aparências, assim como a diferença entre a palavra, o significado e seu conteúdo lógico, por um lado, e o material fonético, a voz que os encarna e lhes dá cor, por outro, e isso porque “haveria, pelo menos tendencialmente, mais isomorfismo entre o visual e o conceitual, senão também pela razão de que a *morphé*, a ‘forma’ implicada na ideia de ‘isomorfismo’, é imediatamente pensada ou tomada na ordem visual” (Nancy, 2004, p. 25, tradução nossa). Isso deu lugar, na tradição, não somente à preferência do conceito como forma fixa e imutável apta a representar o mundo das ideias, mas também à primazia da visão capaz, com seu olhar, de capturar a presença em uma forma fechada, contrariamente à evanescência e a efemeridade da escuta que “dispensa a forma” (Nancy, 2004, p. 6).

À transitividade sonora preferiu-se a “terra parada” da visão ideal, ao movimento concreto e às idas e vindas das coisas com suas transformações do real elegeu-se a manifestação estática da visão. A eleita é, portanto, não apenas a segurança e a estabilidade oferecida pela vista que percebe objetos “presentes” à sua frente, em detrimento da evanescência e da natureza transeunte do som, mas também o papel do sujeito que olha sem ser afetado pelo olhar do objeto, em contraposição ao sujeito passivo da escuta que não pode escolher não escutar. De certa forma, poderíamos dizer que “nossos ouvidos foram cegados” (Pallasmaa, 2011, p. 48).

A consequência é não apenas um apagamento sistemático dos sons, inúteis para o pensamento teórico, mas também a redução do verbo “entender” à mera compreensão lógico-intelectual, ou melhor o silenciamento daquilo que escuta (sentido) a favor daquilo que se ouve (verdade). A rica polissemia que caracterizava esse verbo, que reenviava também à escuta e à materialidade sonora da *phoné*, foi reduzida a um “entender” que é “entender-se”, a uma consonância do sujeito preso em si que não ressoa mais. Ora, a peculiaridade da escuta, ao contrário, segundo Nancy, é uma mistura entre som e sentido em que um ressoa no outro e através do outro incessantemente.

Afinal, como poderíamos entender o significado senão “sentindo-o” ressoar em nós através de nosso tímpano? Isso porque é através do ouvido que o som se propaga em nosso corpo, queiramos ou não. De fato, não podemos escolher não ouvir. Nossas orelhas, assim como ironiza

Nancy, não têm pálpebras. O som nos penetra, nos invade sem que possamos opor-lhe resistência. No som não há a separação entre uma interioridade íntegra e uma exterioridade totalmente explícita, mas há uma superfície material em que ele se expressa, se endereça e se doa que não reenvia a uma pressuposta essência como no pensamento ótico. Sua superfície sonora coincide com seu interior, seu fora com seu dentro exposto, na medida em que, para ressoar, o som deve também e, ao mesmo tempo, vibrar dentro de nós.

O som ressoa, pena que não se efetive, e, somente dessa forma, ele também produz o ser ouvido. Este ressoando repercute dentro de quem ouve e, ao mesmo tempo, fora dele, impossibilitando assim uma rígida separação entre um “dentro” e um “fora”, os quais, ao contrário, se contagiam e se tornam permeáveis: “percussão do externo, clamor ao interno: este corpo sonoro, sonorizado, se coloca na escuta simultânea de um “si” e de um “mundo”, que são um a ressonância do outro” (Nancy, 2004, p. 68, tradução nossa). Como sustenta Pallasmaa no seu texto *Os olhos da pele*:

A visão é o sentido do observador solitário, enquanto a audição cria um sentido de conexão e solidariedade; nosso olhar perambula solitário nos vãos escuros de uma catedral, mas os sons de um órgão nos fazem sentir imediatamente nossa afinidade com o espaço. Fitamos isolados os momentos de suspense de um filme, mas o irromper de aplausos após o relaxamento desses momentos tensos nos unem à multidão. O som dos sinos de uma igreja que ecoa pelas ruas de uma cidade nos faz sentir nossa urbanidade. O eco dos passos sobre uma rua pavimentada tem uma carga emocional, pois o som que reverbera nos muros do entorno nos põe em interação direta com o espaço; o som mede o espaço e torna sua escala compreensível. Acariciamos os limites do espaço com nossos ouvidos. Os gritos das gaiotas de um porto nos fazem cientes da imensidão do oceano e da infinitude do horizonte (Pallasmaa, 2011, p. 48).

Não há nada de subsistente em si, como na lógica da presença, que veicularia um significado, não há o conceito que regimenta e endurece, não há um objeto que se fixa em uma ideia, mas há um sentido que se “espaça” como onda, “sentido ressoante”, fluxo que, como nos movimentos da água, traça e retraça sempre novas conexões penetrando ubiquamente. De fato, se através da visão, lidamos com o saber do que “já está lá”, através da audição, estamos lidando com uma “presença que chega” (Nancy, 2004, p. 24).

Não há “o” sentido, mas “os” sentidos singulares que se comunicam e endereçam constantemente. Uma extensão espacial que produz um espaço singular-comum. É aqui que podemos ver como a escuta torna o som relacional e converte-se em tema central na trama do pensamento do “ser com” de nosso autor. De fato, ao mundo mimético e solitário da visão do pensamento teórico opõe-se o mundo da participação e do contágio do ouvido. Da mesma forma, ao evento da “presença em si” simultânea, relativa ao primeiro, resiste uma “presença sonora” contemporânea do acontecimento, própria do segundo, que evoca, convoca e interpela na transitividade entre um dentro e um fora em que o sujeito experimenta os limites do sentido. Leia-se a seguinte passagem de Nancy:

No caso do som, algo do esquema teórico e intencional ligado à ótica vacila. Escutar significa penetrar naquela espacialidade pela qual, ao mesmo tempo, sou penetrado, porque ela se abre a mim tanto quanto ao meu redor, e a partir de mim tanto quanto em direção a mim: abre-se em mim assim como fora de mim. (Nancy, 2004, p. 23, tradução nossa).

A escuta revela as malhas de um sujeito feito de rítmicas e vibrações que o conectam constantemente e de um “em si” feito de reenvios porque, como salienta Nancy, “há na voz um ultrapassamento da identificação: uma aparência apresenta-se, mas seu som cruza a presença,

afasta-a de si mesma, e o envio repercute a uma distância muito íntima na qual se perdem as linhas de fuga de todas as presenças” (Nancy, 2015, p. 56). O sujeito cartesiano fechado em si que levou aos delírios de onipotência do século passado, torna-se assim “o lugar vibrante de um diapasão de um sujeito, ou melhor, como um diapasão-sujeito” (Nancy, 2004, p. 27, tradução nossa). Somos caixas de ressonância que encostadas umas às outras, chocando-se umas nas outras produzem vibrações de frequências. Sinfonias de consonâncias e dissonâncias que ecoam de um para o outro. Sujeitos feridos, tramas de um contínuo diferir de contatos e de contágios que nunca se fecham em uma identidade como “identificação especular”, que é “invaginante, de modo a formar um sulco, uma caixa ou um cano de eco, de ressonância (Nancy, 2004, p. 61-62, tradução nossa).

A um mundo cartesiano rigidamente bipartido, onde o olhar de um sujeito com seus cânones imutáveis sobrepõe-se aos objetos inermes, contrapõe-se um mundo construído como “complexo de vibrações” que entretece a sua “imensa tessitura” através de ressonâncias e de ritmos que reverberam infinitamente no espaço finito de cada um (Lisciani Petrini, 2004, p. XIII). Ao sujeito fenomenológico substitui-se o “sujeito ressoante” e “senciente”, à intenção significante supre a ressonância, ao sujeito com seu “ponto de vista”, o “sujeito da escuta” (Nancy, 2004, p. 34), sempre prestes a ser chamado e espaçado, tencionado e afetado por algo. Um sujeito que não domina mais a realidade ao seu redor circunscrevendo os eventos às próprias categorias, mas que de forma passiva e receptiva se abre ao que está fora para ser contaminado, alterado, transformado, transplantado. Nas palavras de Nancy, um sujeito que “não é exterior ao fora, ele é – se ao menos se quiser falar de sujeito – muito mais, como se pode dizer em francês, *sujet au dehors* [sujeito ao exterior] sujeito ao outro, sujeito ao toque do outro” (Nancy, 2020, p. 20).

Cada existência é assim “ex-posta”, estroflexa no limite em que barra com o outro, ela participa da partilha do ser e do sentido numa rede singular-plural na qual cada singular não é perdido, mas entrelaçado com as outras singularidades em um espaçamento no qual uma aparece à outra. Exterioridade, ex-istir fora de si como única forma de existir que não retorna a uma interioridade que a sintetizaria, mas que mostra uma prioridade do existente sobre a essência, do impróprio sobre o próprio porque, como enfatiza Ariemma, “sendo a singularidade descarte, excedência e vinda do outro, ela não pode se reduzir à esfera do próprio, morando, ao contrário, a cada vez, no limite” (Ariemma, 2009, p. 103, tradução nossa).

As singularidades finitas, portanto, não são o processo de uma individuação que as diferenciaria nem a *ek-stasis* como saída de um todo imanente a partir do qual elas resultariam, mas a abertura, a “arquiespacialidade” que dispõe as presenças que ex-istem segundo um “tipo de movimento sistólico e diastólico entre interior e exterior, eu e outro, sujeito e objeto que nos abre a uma nova possível dimensão do vivente” (Calabrò, 2012, p. 15, tradução nossa). Tal é o ser exposto, o encontrar-se num limite, exposição uns aos outros e uns para os outros da nossa existência “entre”. Singularidade que não é mais simplesmente a peculiaridade do distinto, o interagente em uma pluralidade e nem o semelhante a um original, mas a própria pluralidade.

Som, sonoro e escuta são o que nos permite ver a realidade como o aceder, como a abertura de uma boca, canal como nascimento de alguém, de qualquer *um* que ecoa no mundo e que, dessa forma, já é partilha. Assim, como sustenta Berto, “o sujeito ressoa, é ressonância, na medida em que é cavando um vazio, de uma cavidade que, se não pode se isolar em um interior separado e protegido, por sua vez, impede à externalidade resolver-se em puro exterior, explicitar-se totalmente” (Berto, 2003, p. 79, tradução nossa).

Partição que faz barulho e que é bem exemplificada pelo primeiro vagido de uma criança que vem à luz, através daquela “caverna sonora” (Nancy, 2004, p. 33) revestida de pele que faz sentido, ou melhor, ex-istindo, é sentido. Partilha, todavia, que não se esgota na linguagem fonética do ser humano, mas que é presente em todo ser enquanto ex-istente, na infinita

singularização dos entes singulares (animais, vegetais, minerais). No estridular das cigarras, no gorgolhar de um peixe, no farfalhar imperceptível das folhas, no grunhido de um animal faminto, no ranger milenar de uma pedra sobre a outra, no esvoaçar de uma abelha sobre uma flor, no transformar-se contínuo de uma rocha em areia. Barulhos, rumores, articulações de sons que são nada mais que aberturas que não foram presas ao “querer-dizer” do significado. De fato, é nesta partição que produz barulho e escuta que, segundo Lisciani Petrini, está a verdadeira aposta de Nancy:

[...] o desafio de Nancy é redescobrir no e do lado de cá do logos a ‘originariedade’ de uma ‘partição’ que, partindo-se, e produzindo assim o barulho, o som, a ressonância do próprio partir-se, faz serem os sons singulares do mundo e, junto, as vozes singulares falantes humanas, cada uma ‘a cada vez singular e finita’ (Lisciani Petrini, 2004, p. XXIX, tradução nossa).

É necessário um pensamento que permita “escutar a pedra” e penetrar no som da noite possibilitando assim uma ciência harmônica que, como nas esferas pitagóricas, conecta entre si os vários elementos do universo como em uma partitura da relação vocálica. Partição como *partage*, partilha e divisão, mas que também não por acaso, como observa Piromalli, lembra o nome “partitura”, ou seja, “a imagem da disposição ordenada-e-livre das notas no pentagrama, uma ordem musical que constitui o horizonte originário de uma exposição, de uma comparação, de uma ineludível co-existência” (Piromalli, 2009, p. 205, tradução nossa). Partilha que coincide com uma atividade “lacerante” que remove qualquer sentido conectivo-identitário da comunidade e nos expõe ao evento kairótico de nossa experiência plural (De Petra, 2013, p. 220, tradução nossa).

A voz do *logos* entre Jean-Luc Nancy e Adriana Cavarero

Depois desse panorama sobre a escuta em Nancy poderíamos perguntar: estaríamos diante de uma recuperação da comunicação oral em detrimento da escrita? Nancy estaria, sob esse aspecto, longe do projeto desconstrutivo derridiano que vê como primeiro alvo a voz do pensamento logofonocêntrico? Acreditamos que a diferença entre voz e escrita em Nancy não tenha o mesmo papel estratégico que em Derrida e isso porque, em Nancy, ambas funcionam como envio e endereço que apela.

A escrita, como polifonia de vozes, ressoa e ecoa nas tantas vozes singulares plurais, na eventualidade de uma perpétua transformação que não vislumbra, todavia, nenhuma revelação e nenhuma presença, mas na qual “o escritor mais solitário escreve apenas para o outro” (Nancy, 2003b, p. 138, tradução nossa). Nenhuma finalidade externa à comunicação, nenhuma autoridade fora da obra, nenhuma figura, mas a margem sempre liminar entre uma obra e outra, comunicação como passagem “inaugural” de um para outro sem nenhum traçado exemplar, fundação a ser reencontrada e identificação a ser imitada, mas “ad-oratio” que apostrofa e apela. Ela é a exposição dos seres singulares na circulação do sentido que responde ao imperativo de escrever pela simples razão de que há outros. Experiência fronteira e de transbordamento que mostra a fragilidade e a precariedade das unidades individuais cristalizadas nos próprios fechamentos.

Inscrições sonoras, visuais, coreográficas, cinéticas são também formas de arte em que há sempre uma singularidade que se remete à pluralidade, produzindo “um” sentido, uma nova forma de mundo sem se tornar totalidade. Expropriação originária que, deixando uma margem, deixando em aberto qualquer saturação de sentido, permite o evento do outro. Nenhuma palavra fundadora do sentido, nenhuma palavra originária e final que nos comunicaria nossa comunhão, mas, ao contrário, uma singular pluralidade de vozes que se endereçam infinitamente através de uma presença exposta constitutivamente diferida. Espaçamento de singularidades que saem do

fechamento de si e reenviam-se constantemente sentidos singulares para se encontrar com os outros, para ecoar na voz do outro em uma rede de partição na qual “quem escreve responde” (Nancy, 2003a, p. 180, tradução nossa). Assim como afirma Tuppini: “‘Escrita’ e ‘voz’ são sinônimos de uma prática de comunicação capaz de de-significar as palavras e de entregá-las ao espaço de envio ‘lógico’ comum” (Tuppini, 2013, p. 235, tradução nossa).

Ao contrário do que sustentamos aqui, é justamente essa empreitada que, segundo a filósofa e feminista Adriana Cavarero, levaria Nancy a uma crítica do “videocentrismo” da filosofia ocidental: “A tomada de palavra parece então endereçar a ontologia de Nancy em direção ao vocálico [...], a voz está, portanto, [no pensamento de Nancy], em certo sentido, como metáfora para a unicidade do falante, para a singularidade do seu anunciar que somos um diálogo” (Cavarero, 2003, p. 211). Ora, se isso, segundo Cavarero, induziria o filósofo a se distanciar da universalidade das categorias, todavia, a preferência por ele atribuída ao sonoro em detrimento do vocálico inseriria novamente seu pensamento nas fileiras da “devocalização do logos”. O “ouvido” de Nancy, ainda demasiadamente fraco, não conseguiria romper com as malhas da tradição metafísica e o levaria a argumentar sobre um mais abstrato e vazio “som”.

Isso porque, conforme a filósofa turinês sustenta, no livro *A più voci. Filosofia dell'espressione vocale*, falar de som significa reenviar a uma voz que sai de uma garganta de carne e saliva, aos *falantes* que falam aquela voz como singularidades únicas em discursos encarnados. Ela se espaça na medida em que é proferida e reconhecida. Seu caráter evasivo a torna imediatamente algo que se partilha, desde o primeiro grito da criança que nasce anunciando sua existência corporal singular. Uma singularidade de carne e osso que atrapalha e incomoda o universal filosófico, “os ouvidos dos metafísicos” afetados por uma “patologia acústica” (Cavarero, 2003, p. 194).

É o meio fonético da palavra em seu ser fôlego, ritmo e respiração que contamina o olhar noemático do pensamento especulativo. É o *logos* entendido como *phonè semantikè* de Aristóteles a reduzir o poder relacional da voz enquanto comunicação corpórea de uma singularidade a favor da universalidade da palavra significante. Videocentrismo que, segundo Cavarero, leva à identificação do masculino com o racional e o semântico, por um lado, e do feminino com o corpóreo e vocálico, por outro. O som, assim, no logocentrismo videocêntrico, continua evocando a ideia de um mundo teórico das formas onde o olhar aponta para o mundo dos significados e a vista para o mundo do saber decretando a sistemática “devocalização do logos” (Cavarero, 2003, p. 51). De fato, é através da conexão da voz com a palavra no *logos* da filosofia que a primeira se torna “voz de razão”, “voz da alma”, apagando, assim, o caráter físico de sua sonoridade. O pensamento, através da voz, torna-se expressão de significações mentais com valor universal.

Tradição logocêntrica em que, ademais, a vocalidade, como som não destinado à palavra, é considerada supérflua, insignificante, feminilizada e perigosa como pura corporeidade próxima aos grunhidos dos animais. Mesma coisa acontece com a criança e o seu rico repertório de vocalizes, próximos aos cantos dos pássaros, que são prontamente interrompidos, cristalizados e substituídos pela semântica do conceito. Uma voz significante que não apenas diferencia os homens dos animais, mas que é também fundamental na construção patriarcal e misógina do logocentrismo. Nas palavras de Cavarero:

[...] a tradição androcêntrica sabe que a voz vem da “vibração de uma garganta de carne” e, justamente porque sabe disso, ela cataloga-a na esfera corporal – secundária, transitória e não essencial – reservada às mulheres. Feminizado por princípio, o aspecto vocálico da palavra e, mais ainda, da canção aparece como elemento antagônico de uma esfera racional masculina que se concentra, em vez disso, no elemento semântico. Para colocar em uma fórmula: a mulher canta, o homem pensa (Cavarero, 2003, p. 12, tradução nossa).

Em Aristóteles, o homem é descrito como *zoon logon echon*, ser vivo que possui o *logos*. A corporeidade da voz corrompe a componente racional da linguagem e é por isso que ela deve ser silenciada. As mulheres, segundo Aristóteles, não possuem o *logos* por completo, limitando-se apenas a emissões vogais. Dessa forma, se estrutura mais uma vez, como vimos na primeira parte, o binarismo típico do pensamento ocidental. Por um lado, como aponta Cavarero, temos as sereias e as cantantes líricas com suas vozes encarnadas e sensuais que não falam, mas cantam ou, como a ninfa Eco, gaguejam, reenviando a um tipo de voz que não é ligada à significação da palavra, por outro lado, o pensador isolado com seus pensamentos que detém o domínio exclusivo da *phoné semantike*. A mulher sereia não apenas encanta com seu canto turbando o sistema racional do homem, mas mostra também a constitutiva erotização do instrumento vocal bloqueado pela linguagem fonética. O homem com a racionalidade da semântica e a mulher com a corporeidade da sua voz constroem o imaginário filosófico que chega até nós.

A voz que vem de dentro, das profundezas das nossas cavidades, mas que se escuta somente a partir de um fora em relação a uma boca que se abre, voz em que se revela não apenas a unicidade de cada singularidade, mas também o ouvido dos outros que se chamam e contagiam. Através da voz assim não apenas se afirma o plano ontológico de cada existência, mas também através da voz do outro que eu escuto se tensiona uma in-vocação que abre à relação e a uma “ética vocal”. Não apenas, então, cada singularidade encarnada se manifesta na voz, mas também ela comunica e, sem a mediação da palavra, põe em relação. “Mais vozes” que se contrapõem à “voz única” da metafísica. Ora, como Cavarero sustenta:

Não se trata tanto de revocalizar o *logos*, quanto ao contrário de livrá-lo da sua substância visiva e entendê-lo finalmente como palavra sonora para escutar novamente, na mesma palavra, a pluralidade de vozes singulares, que congêneres ao jogo da ressonância em vez da generalidade do som, se convocam na relação (Cavarero, 2003, p. 195, tradução nossa).

Vale ressaltar que não estamos falando aqui da voz asséptica, despersonalizada, fria e geral, objeto da linguística, mas da voz de um corpo singular que vibra, ressoa, articula de dentro para fora vislumbrando uma “relacionalidade acústica” (Cavarero, 2003, p. 20) que, através de uma emissão fônica, atesta nossa singularidade como, em termos nancianos, co-existência. Singularmente modulado, o escutar espacia o sujeito tornando-o uma materialidade sonora de sons *entre* sons que vibra nas cordas vocais, que agita a garganta e manifesta a unicidade de cada singularidade que chama o outro.

Mas voltamos agora ao nosso autor a partir da crítica de “devocalização do *logos*” movida por Cavarero. Podemos observar que se, no texto *À l’écoute*, Nancy fala em som e em ressonância, no texto intitulado *Vox clamans in deserto* e ainda no livro anterior, *Le partage des voix*, ele discorre explicitamente sobre a voz. Voz que, para ele, é anúncio, aquilo que se endereça a nós antes de qualquer compreensão, de qualquer palavra como linguagem como entrelaçar-se de vozes singulares que se enviam à voz impessoal do *logos*. *Partage* das vozes que se ouve, portanto, cada vez que se ouve *uma* voz. Cada singularidade, assim, comunica para outra a própria capacidade de se interpelar para além de qualquer mensagem informativa:

O *logos* não é uma *phone semantike*, não é uma voz dotada de significação, não é um sentido [...] Ele constitui, em compensação, a articulação precedente das vozes, nas quais, todavia, as vozes já se articulam e dividem. [...] “A” voz, sempre plural, faz a partição, a *theia moria* do *logos*: o seu destino e a sua destinação na execução, na interpretação singular de cada voz. (Nancy, 1992, p.89, tradução nossa).

Portanto, embora Nancy fale da interpretação como partilha de vozes assim como, no texto *Comunidade inoperada*, fala em comunismo literário, em que a escrita contrapõe-se à voz

oral que permite pensar o *rapport* entre as singularidades comunicantes, o som do qual fala Nancy não reenvia apenas à linguagem do homem que fala desse “nós” que ecoa, mas a tudo que, como *entre* e intervalo, permite a circulação do sentido e é exposição. Assim, como sustenta Devish, para Nancy:

A fala se dá como multiplicidade, discordância de vozes singulares, partilha em que fala a abertura de todos os sentidos. Essa discordância indica pluralidade e semelhança. Enquanto em uma comunidade imanente a voz solitária de cada membro da comunidade pretende ser igual às outras vozes, o sentido em um espaço compartilhado só pode existir como pluralidade de singularidades ou como pluralidade de vozes. A pluralidade de singularidades de sentido pressupõe a pluralidade de expressão. Tal pluralidade de vozes significa que todo sentido ou interpretação é afetado pela alteridade (Devish, 2013, p. 112-113, tradução nossa).

A neutralidade do *logos* se singulariza em cada voz que o fala. Nele se abre um espaço em que elas dia-logam desatando-se do fundo indistinto. A voz comum expressa um “nós” que se dá na singularidade das vozes que tomam a palavra. Um por dentro que vibra nas nossas cordas vogais, mas, ao mesmo tempo, um por fora não localizável comum porque “A voz não tem em si [...] silêncio, ressoa somente do lado de fora, no deserto”. (Nancy, 2009, p. 28, tradução nossa). Há um *partage* comunitário que precede a partição das vozes que se inscrevem. O ser se dá somente na *hermeneia*, no jogo e nas infinitas interpretações entre as singularidades. O sentido não nos precede nem chega ao fim, mas está na partição do *logos* e das nossas vozes. Nenhum círculo hermenêutico, como *circolus vitiosus*, que o encerraria em um conceito já previamente dado para o qual o sentido voltaria depois de ter circulado, mas o que nasce no anúncio como apelo, articulação, contaminação e partição polifônica. Retomando o axioma aristotélico, Nancy afirma, “o ser se pode dizer em muitos modos”, mas não é dito a partir de um único núcleo de sentido, e sim como multiplicidade de cada falante que o fala como singularidade. Na partição se mostra como o próprio ser é partilha e o sentido “a superficialidade epidérmica da experiência” (Tuppini, 2012, p. 12, tradução nossa).

Estamos expostos um ao outro, e essa exposição, contrariamente ao amor fusional ou à comunidade totalitária, não leva a uma unidade indistinta, não reduz a uma equivalência geral como soma dos adendos a serem trocados, mas mantém as partes distintas e os corpos estrangeiros uns aos outros, comunicando a paixão das singularidades. É através da impossibilidade arquioriginal de Narciso, de pensar uma intimidade que não seja, desde sempre, votada para fora, de um próprio que não pode não ser expropriado, que podemos entender como a singularidade não é mais uma particularidade que encontraria sua essência em uma totalidade orgânica que lhe daria sentido.

Temos que pensar as singularidades como uma articulação que une as diferentes partes sem organizá-las, como um “jogo” em que cada junção é articulada através de outra sem se confundir e sem se tornar uma totalidade dispersa em um mar abrangente e aniquilador das diferenças, mas como uma “arquiarticulação essencial da voz e das vozes que constituem o ser em comum mesmo” (Nancy, 2003b, p. 156, tradução nossa). Essa é a razão pela qual a “existência” das singularidades é possível unicamente a partir do seu se expor em comum, de uma disposição das partes móveis que permite o movimento, de um complexo que mantém conectadas duas ou mais superfícies contíguas de tecidos vibrantes.

Considerações finais

Através do livro *À escuta* vimos como Nancy desconstrói a primazia da visão do pensamento ocidental a favor da escuta como abertura para o que ainda está por vir. A escuta transforma o

sujeito em uma caixa de ressonância que ecoa o mundo e os outros graças ao som e ao espaço em que ele vibra. Não há mais sujeitos como meros receptores passivos, mas singularidades sempre alteradas e contaminadas que, como diapásão, ressoam “mais vozes”.

De um *principium individuationis* que isola e condena a uma existência egoística através de uma *reductio ad unum* passa-se, dessa forma, a uma lógica relacional; a uma autoposição do cogito substitui o “ser em comum” como ontologia material dos corpos e das singularidades plurais, ao *logos* da metafísica provê um *logos* sensual constantemente ostensivo e disponível que ecoa como tecido vibrante.

A pura presença da filosofia ocidental revela-se assim “ser-com”, co-existência singular-plural, “espaço-entre” que abre a uma “analítica co-existencial” e a uma “ontologia dos corpos”, na qual o que permite o contato com a origem do outro é a particular contiguidade do *entre*. Nome de um “espaçamento disjuntivo”, de uma “modulação polifônica”, afeição radical que responde a um apelo do sentido e que se reenvia a cada boca-ouvido que escuta e responde.

Referências

- ARIEMMA, T. *Logica della singolarità: Antiplatonismo e ortografia in Deleuze, Derrida Nancy*. Roma: Aracne editrice, 2009.
- BERTO, G. *La risonanza del soggetto, Aut-aut*, 316-317, p. 77-842, 2003.
- CALABRÒ, D. L'ora meridiana: Il pensiero inoperoso di J.-L. Nancy tra ontologia, estética e política, Milano: Mimesis, 2012.
- CAVARERO, A. *A più voci: filosofia dell'espressione vocale*. Milano: Feltrinelli, 2003.
- DE PETRA, F. Política e "ontologia del rapporto". In: NANCY, J.-L. *Politica e "essere con"*. Milano-Udine: Mimesis edizioni, 2013.
- DEVISH, I. *J.-L. Nancy and the Question of Community*. London: Bloomsbury Academic, 2013.
- LISCIANI PETRINI, E. In ascolto. *B@belonline*, Roma, v. 10-11, p. 151-158, 2011.
- NANCY, J.-L. *Un pensiero finito*. Tradução: L. Bonesio. Milano: Marcos y Marcos, 1992.
- NANCY, J.-L. *Il pensiero sottratto*. Tradução: M. Vergani. Torino: Bollati Boringhieri, 2003a.
- NANCY, J.-L. *La comunità inoperosa*. Tradução: A. Moscati. Napoli: Cronopio 2003b.
- NANCY, J. L. *All'ascolto*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2004.
- NANCY, J.-L. *Il peso di un pensiero*. Tradução: D. Calabrò. Milano: Mimesis, 2009.
- NANCY, J. L. Imagem, mimesis e méthexis. In: Alloa (org.), *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- NANCY, J.-L. *Arquivida: do senciente e do sentido*. Tradução: M. Vieira e M. P. Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- PALLASMAA, J. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PIROMALLI, S. *Vuoto e inaugurazione: La condizione umana nel pensiero di María Zambrano e J.-L. Nancy*. Padova: Il Poligrafo, 2009.
- TUPPINI, T. J.-L. Nancy. *Le forme della comunicazione*. Roma: Carocci, 2012.
- TUPPINI, T. Musica, linguaggio, escrizione. *Epekeina*, v. 3, n. 2, p. 231-257, 2013.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Deborah Spiga. deborahspiga@hotmail.it